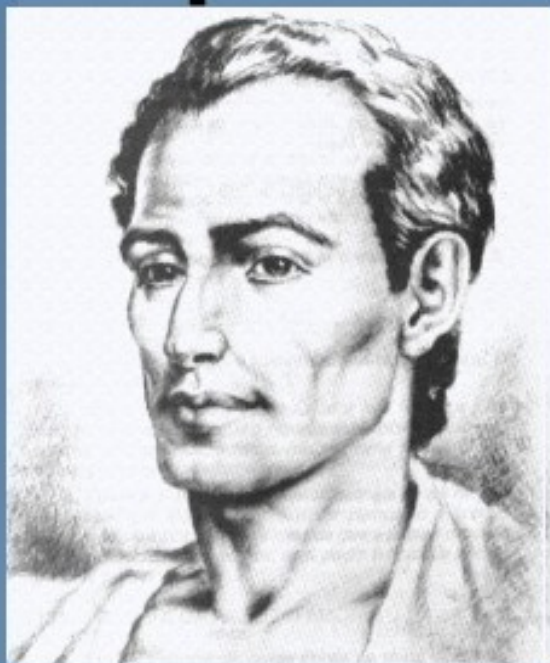


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO LII – A mulher ante o Cristo

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LII)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo LII – A mulher ante o Cristo	O Consolador	04
Complementos		
Igualdade de direitos e deveres	O Consolador	05
Jesus de Nazaré, um personagem especial	O Consolador	07.
O olhar de Jesus	O Consolador	09

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LII)

A mulher ante o Cristo **Reunião pública 03/08/1959** Questão 817

Toda vez nos disponhamos a considerar a mulher em plano inferior, lembremo-nos dela, ao tempo de Jesus.

Há vinte séculos, com exceção das patrícias do Império, quase todas as companheiras do povo, na maioria das circunstâncias, sofriam extrema abjeção, convertidas em alimárias de carga, quando não fossem vendidas em hasta pública.

Tocadas, porém, pelo verbo renovador do Divino Mestre, ninguém respondeu com tanta lealdade e veemência aos apelos celestiais.

Entre as que haviam descido aos vales da perturbação e da sombra, encontramos em Madalena o mais alto testemunho de soerguimento moral, das trevas para a luz; e entre as que se mantinham no monte do equilíbrio doméstico, surpreendemos em Joana de Cusa o mais nobre expoente de concurso e fidelidade.

Atraídas pelo amor puro, conduziam à presença do Senhor os aflitos e os mutilados, os doentes e as crianças. E, embora não lhe integrassem o círculo apostólico, foram elas — representadas nas filhas anônimas de Jerusalém — as únicas demonstrações de solidariedade espontânea que o visitaram, desassombradamente, sob a cruz do martírio, quando os próprios discípulos debandavam.

Mais tarde, junto aos continuadores da Boa-Nova, sustentaram-se no mesmo nível de elevação e de entendimento.

Dorcas, a costureira jopensé, depois de amparada por Simão Pedro, fez-se mais ativa colaboradora da assistência aos infortunados. Febe é a mensageira da epístola de Paulo de Tarso aos romanos. Lídia, em Filipos, é a primeira mulher com suficiente coragem para transformar a própria casa em santuário do Evangelho nascituro. Loide e Eunice, parentas de Timóteo, eram padrões morais da fé viva.

Entretanto, ainda que semelhantes heroínas não tivessem de fato existido, não podemos olvidar que, um dia, buscando alguém no mundo para exercer a necessária tutela sobre a vida preciosa do Embaixador Divino, o Supremo Poder do Universo não hesitou em recorrer à abnegada mulher, escondida num lar apagado e simples...

Humilde, ocultava a experiência dos sábios; frágil como o lírio, trazia consigo a resistência do diamante; pobre entre os pobres carregava na própria virtude os tesouros incorruptíveis do coração, e, desvalida entre os homens, era grande e prestigiosa perante Deus.

Eis o motivo pelo qual, sempre que o raciocínio nos induza a ponderar quanto à glória do Cristo — recordando, na Terra, a grandeza de nossas próprias mães —, nós nos inclinaremos, reconhecidos e reverentes, ante a luz imarcescível da Estrela de Nazaré.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LII)

Igualdade de direitos e deveres

Hoje é tão notória a atuação da mulher nos mais diversos setores, que ninguém, a não ser por machismo ou por sentimentos menos dignos, nega o grau de competência delas, em atividades antes ocupadas somente por homens.

Até a vinda de Jesus à Terra, a mulher era considerada simplesmente um “zero à esquerda”, classificação pejorativa dada àqueles que nada representam. O Mestre, no entanto, dispensou-lhe tratamento nobre, em igualdade com o homem.

O Evangelho registra a participação de várias mulheres. Como Maria de Nazaré, a mãe de Jesus; Isabel, mãe de João Batista e prima de Maria de Nazaré; Maria Madalena, a quem o mundo oferecia todas as vantagens, mas que palmilhou, junto ao Mestre, os caminhos da redenção espiritual; Maria de Betânia, que lavou os pés do Mestre com lágrimas e com perfumes e enxugou-os com seus cabelos.

Cabe registrar, também, o exemplo de Joana de Cusa, o intendente de Herodes Antipas; ela, que possuía verdadeira fé, não conseguiu livrar-se das amarguras domésticas, pois o seu esposo não compartilhava das verdades do Evangelho. Segundo Humberto de Campos, no livro Boa Nova, psicografado por Francisco Cândido Xavier, quando as lágrimas da fogueira rodeavam o seu corpo, um dos algozes, ante a sua serenidade, perguntou-lhe: “O teu Cristo soube apenas ensinar-te a morrer?” Ela ainda teve forças para responder: “Não apenas a morrer, mas também a vos amar!...”.

E ainda: Salomé e a própria esposa de Pôncio Pilatos, que teve um sonho revelador, quando do julgamento de Jesus. Segundo Mateus, 27:19, “E, estando ele assentado no tribunal, sua mulher mandou lhe dizer: Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele”.

O Espiritismo, doutrina que segue os passos de Jesus, considera a mulher com nobreza. Ela desempenha as mesmas funções exercidas pelo homem, com o mesmo grau de dedicação e responsabilidade.

Em O Livro dos Espíritos, perguntas 817 a 822-a – Igualdade dos direitos do homem e da mulher –, vemos que perante Deus o homem e a mulher são iguais e têm os mesmos direitos, pois Deus deu a ambos a inteligência e a faculdade de progredir.

A pretensa inferioridade entre o homem e a mulher, considerada em determinadas regiões, como acontece em países africanos, é próprio do domínio que o homem sempre exerceu sobre ela.

Fisicamente – e só fisicamente – a mulher pode ser considerada mais fraca que o homem, não para ser sua escrava, mas para caracterizar funções particulares: “O homem se destina aos trabalhos rudes, por ser o mais forte; a mulher aos trabalhos suaves; e ambos a se ajudarem mutuamente nas provas de uma vida cheia de amarguras”.

O Livro dos Espíritos explica que “Deus deu a força a uns para proteger o fraco e não para o escravizar”. A organização de cada ser foi apropriada por Deus conforme as funções a

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LII)

desempenhar. Se a mulher tem menor força física, “deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade, em relação com a delicadeza das funções maternais e a debilidade dos seres confiados aos seus cuidados”.

As funções conferidas à mulher têm tanta importância quanto às funções conferidas ao homem e até maior; “é ela quem dá as primeiras noções da vida”.

Perante a lei humana este deve ser o primeiro princípio de justiça: “Não façais aos outros o que não quereis que os outros vos façam”. Para que se tenha uma legislação justa, deve-se consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher.

O capítulo em referência de O Livro dos Espíritos diz que “todo privilégio concedido a um ou a outro é contrário à justiça. A emancipação da mulher segue o processo da civilização, sua escravização marcha com a barbárie. Os sexos, aliás, só existem na organização física, pois os Espíritos podem tomar um e outro, não havendo diferença entre eles a esse respeito. Por conseguinte, devem gozar dos mesmos direitos”.

Na tradução de O Livro dos Espíritos feita por J. Herculano Pires, ele coloca a seguinte nota de rodapé, no capítulo em referência: “Há mais de cem anos este livro indicava a solução exata do problema feminino: igualdade de direitos e diversidade de funções. Marido e mulher não são senhor e escrava, mas companheiros que desempenham uma tarefa comum, com a mesma responsabilidade pela sua realização. O feminismo adquire um novo aspecto à luz deste princípio. A mulher não deve ser a imitadora e a competidora do homem, mas a sua companheira de vida, ambos mutuamente se completando na manutenção do lar, que é a célula básica da estrutura social”.

Altamirando Carneiro, Igualdade de direitos e deveres.

– O Consolador – Nº 453 – 21/02/2016

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LII)

Jesus de Nazaré, um personagem especial.

Aconteceu há dois mil anos. Nasceu uma criança diferente que surpreendeu a todos.

Quando aos 12 anos, conversava com os sábios da igreja de então coisas que somente os doutores da lei discutiam, com sabedoria e profundidade.

Aos 30 anos começou uma caminhada que operou a mudança de nossa história, dividindo-a em antes e depois de Cristo.

A única referência de Jesus era ele próprio, um personagem especial nunca veste antes.

Filho de um carpinteiro e de uma dona de casa, que estudou numa espécie de convento da época.

Nunca escreveu um livro, mas escreveu algumas palavras no chão, diante da mulher acusada de adultério; não comandou um exército, mas foi temido pelo rei Herodes.

Não se preocupou em ocupar um cargo político, mas conquistou muitos seguidores.

Jamais teve uma propriedade, os peixes e pães foram doados, o jumento cedido para entrar triunfante na cidade, o barco onde levou suas riquezas – seus ensinamentos – era dos amigos pescadores e, por fim, o seu túmulo foi emprestado por José de Arimateia.

O que era dele e fez questão de carregar foi sua cruz, como marco de uma nova maneira de viver, com perdão incondicional e amor até mesmo aos inimigos.

Jesus costumava viajar afastando-se somente alguns quilômetros do seu vilarejo, atraindo multidões impressionadas com suas palavras esclarecedoras, provocativas e misteriosas, usadas nas parábolas.

E com seus feitos de curas e recuperação de doentes e doenças, sem nunca usar medicamentos.

Sabe-se de uma vez em que teria usado cuspe para molhar a poeira do chão e curar um cego.

Apesar de não sair de seu Estado, a projeção de Jesus de Nazaré extrapolou fronteiras e fez divisão no mundo, entre muitas crenças, pelas suas palavras firmes, pelas críticas mordazes a autoridades dogmáticas, e pela poesia de seu sermão da montanha, cujas mensagens só seriam decifradas posteriormente:

“Bem-aventurados os puros de coração porque eles verão a Deus, bem-aventurados os mansos e pacíficos porque herdarão a Terra” – só a reencarnação poderia explicar tais afirmativas positivas do Mestre.

Muitos dos sábios e profetas passaram. Jesus foi o foco de milhares de teses, estudos e livros, muitos numa controvérsia sem fim.

Para mim, entre esses livros, o que melhor definiu as lições do homem que nasceu em Belém é O Evangelho segundo o Espiritismo, conceituando sua moral e explicando os princípios da vida espiritual, a reencarnação, a pluralidade de mundos habitados, a

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LII)

comunicação com os Espíritos, as desigualdades sociais, a justiça e o amor caridade como salvação das criaturas.

Arnaldo Divo Rodrigues de Camargo, Jesus de Nazaré, um personagem especial.
– O Consolador – Nº 489 – 30/10/2016

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LII)

O olhar de Jesus

Recordemos o Olhar Compreensivo e Amoroso de Jesus, a fim de esquecermos a viciosa preocupação com o argueiro que, por vezes, aparece no campo visual dos nossos irmãos de experiência.

O Mestre Divino jamais se deteve na faixa escura dos companheiros de caminhada humana.

Em Bartimeu, o cego de Jericó, não encontra o homem inutilizado pelas trevas, mas sim o amigo que poderia tornar a ver, restituindo-lhe, desse modo, a visão que passa, de novo, a enriquecer-lhe a existência.

Em Maria de Magdala, não enxerga a mulher possuída pelos gênios da sombra, mas sim a irmã sofredora e, por esse motivo, restaura-lhe a dignidade própria, nela plasmando a beleza espiritual renovada que lhe transmitiria, mais tarde, a mensagem divina da ressurreição.

Em Zaqueu, não identifica o expoente da usura ou da apropriação indébita, e sim o missionário do progresso enganado pelos desvarios da posse e, por essa razão, devolve-lhe o raciocínio à administração sábia e justa.

Em Simão Pedro, no dia da negação, não se refere ao cooperador enfraquecido, mas sim ao aprendiz invigilante, a exigir-lhe compreensão e carinho, e por isso, transforma-o, com o tempo, no baluarte seguro do Evangelho nascente, operoso e fiel até o martírio e a crucificação.

Em Judas, não surpreende o discípulo ingrato, mas sim o colaborador traído pela própria ilusão e, embora sabendo-o fascinado pelas honrarias terrestres, sacrifica-se, até o fim, aceitando a flagelação e a morte para doar-lhe o amor e o perdão que se estenderiam pelos séculos, soerguendo os vencidos e amparando a justiça das nações.

Busquemos algo do Olhar de Jesus para nossos olhos e a crítica será definitivamente banida do mundo de nossas consciências, porque então teremos atingido o grande entendimento que nos fará discernir em cada companheiro do caminho, ainda mesmo quando nos mais inquietantes espinheiros do mal, um Irmão Nosso, necessitado, antes de tudo, de nosso auxílio e de nossa compaixão.

Elucidações de Emmanuel, O olhar de Jesus – O Consolador – Nº 395 – 04/01/2015.

Emmanuel, Livro: Viajor, (Chico Xavier).